

Vivendo nas minas, mineração e mundos do trabalho

Living in the mines: mining and worlds of labour

Crislayne Alfagali*

Fidel Rodríguez Velásquez**

EM 1918, Manuel Querino afirmou que uma das razões de os africanos, ou melhor, os “colonos pretos” serem fatores de civilização brasileira era o refinamento de seu conhecimento científico, nomeadamente o mineralógico e metalúrgico. Listava, nos auspícios da Primeira República, as inúmeras habilidades dos africanos: bom caçador, marinheiro, extrator de sal, pastor, agricultor, mercador de marfim e, sobretudo, minerador. O autor foi além da mera informação; citou relatos sobre as técnicas africanas de transformação de metais nos escritos oitocentistas de Henry Stanley, o famoso jornalista que se embrenhou pela África Central em busca do missionário David Livingstone; e de Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, exploradores da mesma região. Evidências irrefutáveis de que “a glória da nação brasileira” estava “no africano que importou”.¹ A reflexão de Querino buscava, como muitos de sua geração, encontrar na colônia as raízes da nação, resvalando assim em uma perspectiva anacrônica. No entanto, ao valorizar a presença africana na nossa história, de forma pioneira, não deixa de ser elucidativo o modo como estava atento às duas margens do Atlântico.

* É professora do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura e do ProfHistória (Mestrado Profissional em Ensino de História) da PUC-Rio. Tem como principais áreas de interesse a História do Brasil Colônia e a História da África, concentrando a pesquisa em temas como: conexões históricas e culturais entre África e Brasil, elementos materiais da cultura, história do trabalho e história de Angola. É autora, entre outros, do livro *Ferreiros e fundidores da Ilamba. Uma história social da fabricação de ferro e da Real Fábrica de Nova Oeiras (Angola, séc. XVIII)*. Luanda: Fundação Dr. Antonio Agostinho Neto, 2018. E-mail: crisalfagali@puc-rio.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6483-9804>.

** Doutor em História Social da Cultura na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Possui mestrado em História e Humanidades Digitais pela Universidad Pablo de Olavide (UPO), Sevilla, España. Graduação em Antropologia pela Universidad Central de Venezuela (UCV), Venezuela. Atualmente desenvolve pós-doutorado na PUC-Rio com bolsa nota 10 da FAPERJ. Tem como principais áreas de interesse a história dos trabalhadores indígenas e africanos no mundo atlântico, com especial ênfase na história do Caribe, séculos XVI-XVII. E-mail: fidelrodv@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1683-1728>.

1 QUERINO, Manuel. O colono preto como fator da civilização brasileira. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 13, p. 146-147, 1980.

Esse tipo de reflexão existiu em diversos momentos e em diferentes espaços, destacando os conhecimentos de vários povos, além dos africanos. Cronistas da monarquia hispânica, como Gonzalo Fernández de Oviedo e Pedro Mártir de Anglería, escrevendo quase 400 anos antes de Querino, fizeram um reconhecimento semelhante em relação às populações indígenas do Caribe e suas rotas comerciais, práticas culturais e tecnologias em relação a metais como o ouro. Fernández de Oviedo reconheceu a centralidade das embarcações indígenas, as canoas, quando observou que “nós, os cristãos, não podemos fazer uso das terras que estão na costa do mar e dos rios sem essas canoas”.² Enquanto Mártir de Anglería reconheceu a habilidade dos ourives indígenas da costa de Tierra Firme, pela grande habilidade que demonstravam ao unir “pérolas, com pássaros e muitos outros animais maravilhosamente formados em ouro”.³

Casos emblemáticos da metalurgia de africanos e indígenas podem ser encontrados no conhecido rinoceronte de ouro de Mapungubwe (África do Sul) e no peitoral de homem-morcego da Sierra Nevada de Santa Marta (Colômbia), por citar apenas alguns exemplos (ver Imagem 1). O rinoceronte de ouro é símbolo de poder político e social e foi encontrado no túmulo de soberanos de Mapungubwe, datado ao redor do século XIII. É constituído de folhas de ouro marteladas e pregadas sobre o que deveria ser, inicialmente, um núcleo de madeira. A assinatura química do metal indica proveniência regional. É provável que a estatueta tenha sido fabricada em outro lugar que não na África, evidenciando redes comerciais que adentravam o Índico, e revestida de ouro nas margens do rio Limpopo, em sinal de apropriação dos líderes locais.⁴ O outro exemplo, o peitoral em forma de homem-morcego, foi um emblema de liderança espiritual e *status* social na cultura Tayrona (Colômbia), entre os séculos X-XV. O objeto feito em tumbaga, liga metálica de ouro e cobre, representa um líder ou sacerdote adornado com um elaborado cocar de penas. As características físicas do homem-morcego, como as deformações nasais e mandibulares, bem como os adornos faciais, simbolizam sua transformação e consagração como líder espiritual. Essa figura nua usa um cinto ou faixa tecida com remates em espiral, às vezes representados como cabeças de serpente. O peitoral sugere a importância dos adornos na sociedade Tayrona e reflete a sofisticação artística e simbólica dessa cultura; figuras como estas circularam em redes comerciais a longa distância, que incluíram as ilhas do Caribe e o istmo de Panamá.⁵ Ambos os casos mostram a intrincada relação entre a mineração, a metalurgia, o comércio e as práticas culturais dos povos indígenas e africanos.

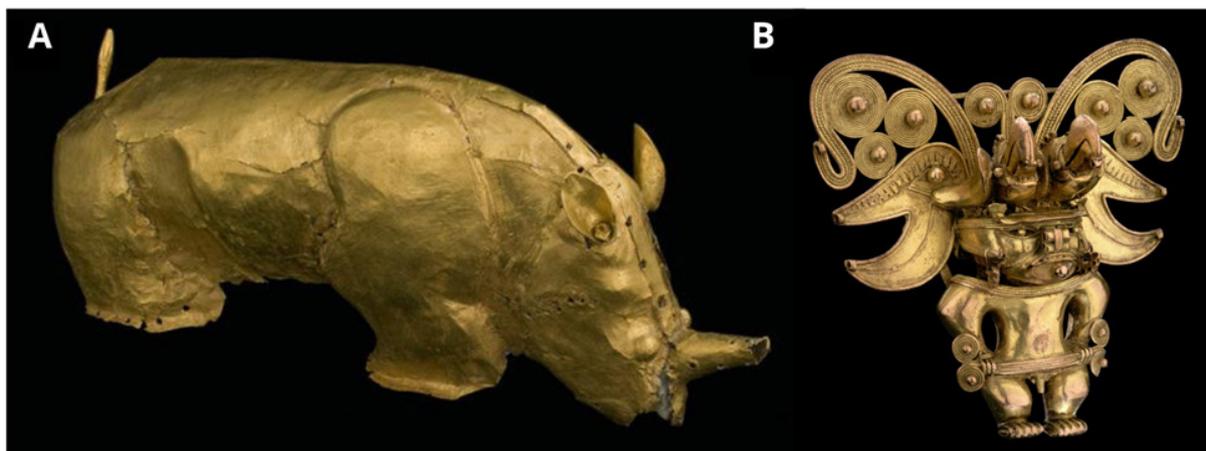
2 FERNANDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. **Historia General y Natural de las Indias**, 1535. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1859. p. 170.

3 ANGLERIA, Pedro Martir. **Décadas del Nuevo Mundo**. Madrid: Ediciones Polifemo, 1989. p. 58.

4 FAUVELLE, François-Xavier. **O rinoceronte de ouro**. Histórias da Idade Média africana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018. p. 169.

5 FALCHETTI, Ana María. La tierra del oro y el cobre. **Museo del Oro**, Bogotá, n. 34-35, p. 3-75, 1993.

Imagem 1 – Metalurgia entre os povos africanos e indígenas



A) O rinoceronte de ouro de Mapungubwe, século XIII – Foto: Universidade de Pretória, Museu Mapungubwe; B) Pectoral antropozoomorfo, Sierra Nevada de Santa Marta - Período Tayrona, 900 d.C. - 1600 d.C. Fonte/fotos: Museo del Oro, Bogotá, Colômbia.

As impressões de Querino e os cronistas castelhanos sobre os africanos e indígenas, separadas por séculos, ainda se sustentam. Hoje, com auxílio da arqueologia e de outras disciplinas como a antropologia e a linguística, não se tem dúvidas: a ciência africana e americana de mineração e metalurgia, assim como o trabalho nas minas são milenares. Na África, a fundição e forja do ferro começou no século VII a.C. Na América, a exploração do cobre foi a maior até a chegada dos europeus.⁶ Em ambos continentes, tal saber levou a grandes mudanças culturais e facilitou a expansão dos assentamentos e a formação de uma complexa rede de comércio, abrangendo vastos territórios.

A mineração de ouro é outro bom exemplo que perpassa ambos continentes. Na África, durante mais de 1.000 anos, o antigo reino do Gana, a antiga colônia da Costa do Ouro e o atual Gana produziram uma parte substancial do ouro mundial. O historiador e geógrafo persa Ibn al-Faqih já afirmava, no século X: “No país de Gana, o ouro cresce na areia como cenouras e é colhido ao nascer do sol.”⁷ No extremo oposto, na África austral, no platô do Zimbábue, o ouro é minerado desde ca. 800 a.C.⁸ Contudo, como mostrou Eugenia Herbert, o ouro não era apreciado ou identificado como um símbolo de distinção social na África subsaariana antes do contato com as redes comerciais muçulmanas.⁹ Pelo contrário, o vermelho do cobre era muito mais valorizado que o amarelo do ouro, como pode-se concluir pelo estudo arqueológico das joias e outros adornos pessoais.¹⁰ Na América, a cultura Chavín, que durou cerca de 1.000 anos, durante o chamado Primeiro

6 ROVIRA, Salvador. La metalurgia inca: estudio a partir de las colecciones del Museo de América de Madrid. *Bulletin de l'Institut français d'études andines*, Lima, n. 46, v. 1, p. 97-131, 2017.

7 READER, John. *Africa: A Biography of the Continent*. Londres: Hamish Hamilton, 1997. p. 302.

8 SUMMERS, Roger. *Ancient Mining in Rhodesia*. Salisbury: National Museums of Rhodesia, Museum Memoir 3, 1969.

9 HERBERT, Eugenia. *Red gold of Africa: Cooper in precolonial history and culture*. Madison: University of Wisconsin Press, 1984.

10 MILLER, Duncan. *The Tsodilo jewellery: Metalwork from Northern Botswana*. Cidade do Cabo: University of Cape Town Press, 1996.

Horizonte (1.200 a.C. - 200 d.C.), se espalhou pelos Andes e, de lá, gradualmente para o norte, chegando à América Central nos primeiros séculos d.C. e ao México central antes do final do primeiro milênio d.C.¹¹ Para as comunidades da cultura Chavín, o ouro não era considerado como um símbolo de riqueza, mas sim como uma substância preciosa utilizada na confecção de adornos corporais que evocavam autoridade e poder religioso, além disso, era empregado na criação de ornamentos e vasos. Por esse motivo, os objetos de ouro eram mais comumente encontrados em contextos funerários do que como peças que poderiam ser usadas em outros aspectos da vida.¹²

A meados do século xv, na África, com o declínio do Grande Zimbabwe, Torwa/Rozvi e Mutapa se tornaram os principais estados da região. A derrocada pode ser explicada pelas dificuldades em controlar o pungente comércio de ouro que, durante o século xv, encontrou a concorrência de Ingombe Illede, um centro comercial no Zambeze e, depois, dos portugueses, que chegaram na região por volta do século xvi. Sobre o Mutapa, esse contexto levou a uma série de conflitos, principalmente relacionados às expedições militares e exploratórias portuguesas com objetivo de localizar as minas de ouro e controlá-las. Esses fatores, associados às demandas do comércio de longa distância, estiveram diretamente relacionados ao enfraquecimento das organizações sociopolíticas do platô do Zimbabwe.¹³ No século xvi, na América, testemunhamos o declínio das grandes civilizações indígenas como os Incas e Mexicas. Esse declínio, embora seja multifacetado, pode ser atribuído ao impacto da chegada dos europeus e sua busca incessante de ouro e prata. Esse desejo por metais preciosos foi, em princípio, desconcertante entre os povos indígenas americanos, já que as coisas de valor incalculável para eles, como as conchas de spondylus, as pedras verdes e os tecidos finos, foram inicialmente ignoradas pelos europeus.¹⁴

Como os conhecimentos, padrões e ritmos de trabalho africanos e indígenas foram dispersos pelas Américas e o mundo atlântico, pesquisar sobre estes temas segue sendo uma das questões fundamentais para a compreensão da história da mineração. O artigo emblemático e atual de Jenny Bulstrode, *Black metallurgists and the making of the industrial revolution*, talvez seja o mais interessante lembrete de que a diáspora africana ainda tem muito a revelar em termos de reconhecermos o protagonismo dos mineradores e metalúrgicos africanos e seus descendentes. Devonshire, Mingo, filho de Mingo, Friday, Capitão Jack, Matt, George, Jemmy, Jackson, Will, Bob, Guy, Kofi e Kwasi são alguns nomes dos 76 metalúrgicos escravizados da siderúrgica de John Reeder, na Jamaica do século xviii, que criaram o mecanismo que tornou possível a Revolução Industrial.¹⁵

11 PILLSBURY, Joanne. Gold in the Ancient Americas. **Heilbrunn Timeline of Art History**. Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 2000.

12 IKEHARA-TSUKAYAMA, Hugo C. The Cupisnique-Chavín Religious Tradition in the Andes. **Oxford Research Encyclopedia of Anthropology**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2023.

13 PIKIRAYI, Innocent. The demise of Great Zimbabwe, AD 1420-1550: an environmental re-appraisal. In: GREEN, Adrian, LEECH, Roger (ed.). **Cities in the World, 1500-2000**. Leeds: Maney Publishing, 2006. p. 10.

14 PILLSBURY, op. cit.

15 BULSTRODE, Jenny. Black metallurgists and the making of the industrial revolution. **History and Technology**,

Também é importante mencionar o artigo de Jorge Cañizares Esguerra, *Bartolomé Inga's mining technologies: Indians, science, cyphered secrecy, and modernity in the new world*, que mostra a partir do exemplo do manuscrito de Bartolomé, filho de Ana Azarpay Coya, neta do último rei inca Atahualpa, que lugares como Potosí não foram apenas locais de extração, mas também de criação de conhecimentos, nos quais os indígenas tiveram um papel central, o que foi silenciado pela ficção historiográfica da revolução científica.¹⁶

Começamos esta abertura com histórias de africanos e indígenas porque foram eles que majoritariamente trabalhavam, a maioria das vezes juntos, na mineração e metalurgia entre os séculos XVI e XIX, e porque é uma história que antecede a presença europeia tanto na África quanto na América. Conhecer suas experiências do “viver nas minas” permanece sendo um grande desafio historiográfico, e perguntas como: quais são os significados cosmogônicos, sociais e políticos da mineração e dos objetos metálicos; como ocorria a divisão do trabalho por gênero, idade, relações de parentesco e outros critérios específicos; como ocorria o recrutamento para o trabalho; qual o impacto da mineração no meio ambiente e na agricultura. Assim, é possível pensar em novas maneiras de refletir sobre a história dos metais preciosos ou valiosos ao dar ênfase às formas como os atores históricos extraíram e cunharam metais e aos valores e significados que atribuíram a eles.¹⁷

A mineração é uma das temáticas mais frutíferas para o estudo da história do trabalho ao longo do tempo e como fenômeno global. Um fato que se demonstra na abundância de livros e dossiês especializados de revistas acadêmicas que têm abordado o tema nos últimos anos.¹⁸ Embora seja importante observar que essa abundância nem sempre se traduziu em um diálogo entre diferentes tradições historiográficas e entre diferentes regiões do mundo, pelo contrário, a maior parte da reflexão sobre a mineração nas Américas se concentra nos grandes centros mineradores das regiões andinas, México e Minas Gerais. O estudo da vida nas minas representa também uma oportunidade valiosa para aprofundar as abordagens propostas pela história global do trabalho, especialmente questionar a tradicional periodização breve da história laboral que se concentrou no período pós-Revolução Industrial.¹⁹

Os desafios atuais dessa historiografia envolvem abranger a periodização, retrocedendo até antes de 1.500, e ampliar o escopo geográfico, abordagens que trazem novas perguntas para temas que são fundamentais para esse campo de estudos, como a

Filadélfia, v. 39, issue 1, p. 1-41, 2023.

16 CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. Bartolomé Inga's mining technologies: Indians, science, cyphered secrecy, and modernity in the new world. **History and Technology**, Filadélfia, v. 34, issue 1, p. 61-70, 2018.

17 SEIJAS, Tatiana; VELASCO MURILLO, Dana (ed.). Introduction: A New Mining and Minting History for the Americas. **Colonial Latin American Review**, Albuquerque, v. 30, Special Issue 4, p. 485-497, 2021.

18 Para alguns exemplos, veja: SEIJAS; VELASCO, op. cit. ZAGALSKY, Paula; REVILLA, Paola. Dossier: Mitas coloniales: Ampliando universos analíticos. **Diálogo Andino**, Arica, v. 69, pp. 6-7, 2022. NAVARRETE, David; POVEA MORENO, Isabel. Dossier. Introducción: ¿Minería marginal? Espacios, minerales y productores no hegemónicos en México y Argentina, siglos XVI-XIX. **Naveg@merica**, Murcia, v. 31, p. 1-11, 2023. BARRAGÁN, Rossana; ZAGALSKY, Paula (ed.). **Potosí in the Global Silver Age (16th-19th Centuries)**. Leiden: Brill, 2023.

19 DE VITO, Christian; SCHIEL, Juliane; VAN ROSSUM, Matthias. From Bondage to Precariousness? New Perspectives on Labor and Social History. **Journal of Social History**, Oxônia, v. 54, n. 2, p. 644-662, 2020.

constituição das fronteiras entre trabalho livre e não livre, remunerado e não remunerado, e seus limites temporais. A coexistência de diversos sistemas laborais no mundo das minas ratifica um ponto assente na historiografia de que é preciso derrubar por terra o esquema convencional de uma sequência linear e evolutiva de modos de trabalho compulsório até um mercado de trabalho assalariado. Como essas poucas páginas possibilitam entrever, é também uma via de contestação do eurocentrismo e do nacionalismo metodológico.²⁰

Os artigos que compõem este dossiê, ao referir-se a contextos de Brasil (Mariana-MG, Distrito Diamantino-MG, Santo Antônio da Jacobina-BA), Bolívia (Potosí) e México (Pachuca e Zimapán) são um indício de como a exploração mineral é um dos aspectos mais importantes da história econômica e social das Américas, já que, como apontou James Torres, os centros mineiros americanos transformaram significativamente o setor de mineração global, tanto qualitativa quanto quantitativamente.²¹ Na época colonial, havia o ouro do Caribe, ouro e a abundante prata do México e dos Andes, ouro de Nova Granada (Colômbia) e ouro e diamantes da América portuguesa. Uma produção que, entre 1550 e 1800, representou mais de 80% da prata e 70% do ouro da economia mundial.²²

A multifacetada experiência do viver nas minas tem sido analisada por uma historiografia consolidada. O recente livro *Potosí in the Global Silver Age (16th-19th Centuries)*, editado por Rossana Barragán e Paula Zagalsky, é um exemplo do vigor dessa corrente historiográfica.²³ A obra trata de um conjunto heterogêneo de temas, incluindo os espaços sagrados e os conhecimentos indígenas e a história ambiental e do trabalho. A montanha de Potosí, que pode ser vista como um lugar de conexões locais, regionais e globais, esteve, antes de tudo, ligada ao culto ao Sol e aos ancestrais e foi explorada pelas populações indígenas que detinham saberes geológicos e técnicos e formas próprias de organização do trabalho.²⁴ Além disso, a sofisticada estrutura hidráulica que era a base do processamento do minério foi fruto do trabalho indígena.²⁵ Já temáticas clássicas como a divisão entre *mitayos* (trabalhadores forçados) e *mingas* (trabalhadores livres) têm se mostrado cada vez mais complexas (e mais complementares), uma vez que, por exemplo, as mesmas pessoas poderiam trabalhar como forçados por uma semana e como trabalhadores livres nas duas semanas seguintes. No século XVIII, há ainda a presença dos *k'ajchas*, trabalhadores que por conta própria permanecem nas minas nos

20 MONTEIRO, John M. Labor Systems, 1492-1850. In: COATSWORTH, John H.; BULMER THOMAS, Victor; CORTÉS-CONDE, Roberto (org.). **Cambridge Economic History of Latin America**. v. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 185-233. VITO, Christian de. New perspectives on global labour history: introduction. **Workers of the World: International Journal of Strikes and Social Conflict**, Nova Iorque, 1, n. 3, p. 7-29, 2013.

21 TORRES, James V. Capitalism and Global Mining: Latin American Perspectives 1500-1914. **Historia Crítica**, Bogotá, v. 89, pp. 43-76, 2023.

22 CROSS, Harry E. South American Bullion Production and Export, 1550-1750. In: RICHARDS, John F. (ed.). **Precious Metals in the Later Medieval and Early Modern Worlds**. Durham: Carolina Academic Press, 1983. p. 403.

23 BARRAGÁN; ZAGALSKI, op. cit.

24 BOUYSSÉ-CASSAGNE, Thérèse. L'espace aymara: urco et uma. **Annales, Histoire, Sciences Sociales**, Paris, 33, n. 5-6, 1978.

25 AGUILAR, Julio. Water for the Monarchy of the World. Mitayos and Maestros of Colonial Potosí Hydraulic Works. In: BARRAGÁN; ZAGALSKI, op. cit., p. 175-210.

fins de semana para extrair minério.²⁶ Parte dessa história é contada neste dossiê, no artigo de Allison Bigelow, que vem contribuindo para a história das tecnologias indígena e africana de mineração, por meio de metodologia inovadora, unindo por exemplo filologia e história.²⁷ No presente artigo, a autora propõe romper as fronteiras entre modalidade de trabalho, remuneração e qualificação, desvendando o universo dos *mitayos* como produtores de conhecimento e as ligações com as comunidades a que pertenciam (valores fundamentados em práticas políticas e culturais de reciprocidade, troca e justiça), em uma perspectiva renovada da história das ideias que dialoga com a história dos trabalhadores. No mesmo sentido, encontra-se o texto de Vincent Daumas, que reconstitui os saberes dos trabalhadores que se embrenhavam debaixo da terra. Detalhes sobre como navegar em ambientes particularmente perigosos, encontrar o caminho de ouvido e seguir as luzes garantiam a sobrevivência cotidiana. Um passo adiante era ser capaz de interpretar sinais das rochas, prevendo deslizamentos de terra, explosões de água e exalação de gases, o que era privilégio de mineradores experientes. Saber ainda mais valorizado era conhecer os metais e o meio ambiente, a arquitetura subterrânea e como classificar os minerais. Os trabalhadores estavam cientes de seu valor como os “vaidosos” *barreteros* e *pirquiris*.

Entre 1570 e 1630, o vice-reinado do Peru foi o maior produtor de prata da América Latina, e o século seguinte (auge entre 1770-1800) foi dominado pelas minas da Nova Espanha (México). Em ambos os espaços, houve a coexistência de formas de trabalho livre com outras mais coercitivas (no caso de Nova Espanha, a escravidão, a *encomienda* e o *repartimiento*). A diferença mais notável é o predomínio da mão de obra indígena no caso de Potosí, onde só teve uma presença pontual de espanhóis e escravizados africanos.²⁸ As minas do México eram muito mais diversas em termos de composição étnica: indígenas, mestiços, espanhóis, escravizados africanos e trabalhadores asiáticos.²⁹ A grande variação geográfica da Nova Espanha refletiu também em diferentes arranjos de organização da mão de obra; o *repartimiento*, por exemplo, nem sempre foi majoritário, algumas das minas de prata mais prósperas estavam localizadas em áreas pouco povoadas na fronteira norte, cujas populações locais eram difíceis de recrutar.

A contribuição de Laura Mier Gómez para este dossiê é um vislumbre desses processos mais amplos, pois examina o fornecimento de mão de obra para a mineração

26 Entre outros textos da autora, ver: BARRAGÁN, Rossana. Kajchas, trapiches y plata en el cerro de Potosí. **Anuario de Estudios Bolivianos, Archivísticos y Bibliográficos**, Sucre, 20, p. 273-320, 291-92, 2014.

27 BIGELOW, Allison M. **Mining Language: Racial Thinking, Indigenous Knowledge, and Colonial Metallurgy in the Early Modern Iberian World**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2020.

28 MORENO, Isabel M. Povea; ZAGALSKY, Paula. Un mundo diverso: una panorámica sobre los trabajadores mineros coloniales a partir del análisis de casos en los virreinos de Nueva España y de Perú. In: BARRAGÁN, Rossana (coord.); MURILLO, Cristina Machicado; RANCE, Amaru Villanueva (org.). **Trabajos y trabajadores en América Latina (siglos XVI-XXI)**. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia, 2019. p. 245-280.

29 Em um ensaio sobre a mineração mexicana na década de 1590, Bakewell argumenta que “também surge uma conclusão surpreendente sobre a força de mineração: os trabalhadores assalariados indianos livres representavam quase 70% dela [a força de trabalho]. Essa descoberta contradiz as suposições anteriores de que o trabalho mineiro no México colonial era trabalho forçado”. BAKEWELL, Peter. Notes on the Mexican Silver Mining Industry in the 1590's. In: BAKEWELL, Peter (ed.). **Mines of Silver and Gold in the Americas**. Brookfield: Ashgate/Variorum, 1997. p. 172.

nas minas de Pachuca a Zimapán, uma área próxima de povoações indígenas, nos séculos XVI e XVII. O artigo examina as reclamações feitas pelos povos indígenas às autoridades sobre as condições de trabalho nas minas. Isso permite uma melhor compreensão da coexistência de diferentes regimes laborais e a situação dos diferentes tipos de trabalhadores das minas: os livres (conhecidos como *naboríos*), os sujeitos a *repartimiento* e os escravizados. Também investiga a demografia (e os impactos de epidemias e fomes), tipos de recrutamento e migração de trabalhadores, com especial atenção às condições de vida e de trabalho das populações indígenas. A pesquisa detalha a interação entre essas formas de trabalho e outros aspectos da vida colonial, como as demandas de mão de obra em projetos de construção pública e religiosa, destacando como essas dinâmicas afetaram a disponibilidade de mão de obra para a mineração e as decisões dos trabalhadores em relação ao seu emprego. Tal como documentam Bigelow e Daumas, Gómez também encontra “a voz” dos trabalhadores indígenas e como se estabeleciam suas relações com as comunidades e o espaço (a terra indígena).

Não é tão comum que os contextos da mineração da América espanhola e portuguesa sejam apresentados conjuntamente.³⁰ De fato, são experiências bastante singulares. Ao contrário da prata, os depósitos de ouro estavam amplamente dispersos. A falta de concentração geográfica tornou o controle governamental extremamente difícil, uma das explicações para o contrabando ser prática recorrente no Brasil. Críticas a oficiais régios que “se deixavam levar por vícios e paixões” eram frequentes. Como mostra Régis Quintão, priorizavam “o interesse particular em detrimento do interesse público ou régio no exercício dos cargos” na Administração Diamantina. É válido notar que o tema da corrupção ligado às minas pode ser conectado ao mundo andino. Kris Lane apontou como um juiz de instrução no Alto Peru “mandou estrangular vários dos cidadãos mais proeminentes de Potosí e exibir seus cadáveres publicamente” (1649-1660) no “maior golpe de desvalorização [pela redução da quantidade de prata na cunhagem da moeda] da história mundial” até então.³¹

Por meio dos registros notariais dos Livros de Nota do Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana, Quelen Ingrid Lopes reconstrói o modo de se minerar no século XVIII, enfocando o trabalho e a organização produtiva estruturada pelas propriedades rurais e jazidas de ouro de aluvião, apoiada majoritariamente no braço africano.³² Ao lermos a *Conta do Rendimento da Lavra da Passagem* (duas listas 1795 e 1819), no artigo de Rafael de Freitas e Souza, podemos comparar as precárias condições de trabalho

30 No Brasil, Andrea Lisly Gonçalves conectou as técnicas da América Hispânica com as empregadas em Minas Gerais em GONÇALVES, Andrea Lisly. *Escravidão, herança ibérica e africana e as técnicas de mineração em Minas Gerais no século XVIII. XI Seminário sobre Economia Mineira*, Diamantina, 2004. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://econpapers.repec.org/bookchap/cdpdiam04/>. Acesso em: 16 maio 2011.

31 LANE, Kris. From Corrupt to Criminal: Reflection on the Great Potosí Mint Fraud of 1649. In: ROSENMÜLLER, Christoph (ed.). *Corruption in the Iberian Empires: Greed, Custom, and Colonial Networks*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2017. p. 33, 38.

32 Indígenas (cabras, carijós, negros da terra) também foram empregados na mineração aurífera. Há, por exemplo, um instrumento de minerar chamado carumbé, que era mais largamente utilizado pelos indígenas e mamelucos que se internaram pelos sertões das capitanias do sul. GONÇALVES, op. cit., nota 34, p. 12.

dos escravizados da Mina de Passagem (Mariana, MG) com aquelas que assolavam os trabalhadores indígenas Ixmiquilpan, dos *repartimientos*, que queixavam-se dos maus-tratos que recebiam nas minas de Pachuca e Zimapán presentes no texto de Laura Gómez. As particularidades em cada um desses contextos não negam a existência de pontos em comum, que podem ser descritos como “Um verdadeiro abismo para a humanidade”,³³ expressão usada por um administrador colonial para descrever a periculosidade do trabalho nas minas de Cerro Rico (Potosí), sujeitas a constantes desabamentos e morte de seus trabalhadores. Ambos estudos mostram que a condição jurídica podia variar, mas as experiências na labuta nas minas são comparáveis.

Justamente por discutir laços de dependência e como se relacionam com a condição jurídica, a escrita de Héliida Conceição traz novos elementos para pensar sobre uma questão antiga: a oposição a-histórica entre escravidão e liberdade. A autora lança mão do conceito de “dependências assimétricas” para compreender as hierarquias sociais que se forjavam por meio das relações de trabalho e negociações entre mineradores livres, forros e escravizados em Santo Antônio da Jacobina (BA). A dicotomia rígida (livre e escravo) vem sendo questionada pela historiografia das minas nas Américas, que procura contextualizar os diferentes significados históricos da liberdade e apontar que ser trabalhador forçado não é necessariamente sinônimo de ser escravo, assim como os trabalhadores livres estavam sujeitos a uma série de coerções em seu cotidiano. Seria interessante incluir nesse panorama a condição ambígua da coartação (um estatuto intermediário entre a escravidão e a liberdade que foi muito comum em Minas Gerais).

Os artigos deste dossiê abrem margem para explorar outros caminhos de pesquisa. Angola, Mina, Benguela, Bamba, Congo, Nagô, Rebolo, crioulo, pardo, preto, negro são algumas das referências que aparecem neste dossiê para se referir a africanos e afrodescendentes. Retomando o projeto de Manuel Querino, investigar a história da África é fundamental para entender as decisões que tomaram no lado de cá do Atlântico. Há pesquisas que seguiram nessa direção³⁴ e um artigo recente de Júnia Furtado percorre em especial as histórias de mulheres escravas e forras, e mostra sua centralidade do trabalho feminino na exploração de ouro e diamantes.³⁵ Deve-se investigar com mais vagar quais são os grupos de procedência, as dinâmicas internas da história africana e do tráfico transatlântico de escravizados, para um reconhecimento mais qualificado da centralidade da

33 “De la reproduccion de los Metales del Cerro de Potosí”, s./f. Archivo General de Indias, Charcas, p. 57-58 apud SCOTT, Heidi. The Potosí Mita and the Geological Foundations of a Colonial Debate. In: BARRAGÁN; ZAGALSKI, op. cit., p. 107.

34 PAIVA, Eduardo França. Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo. In: PAIVA, Eduardo França; ANASTASIA, Carla Maria Junho (org.). **O trabalho mestiço**: maneiras de pensar e formas de viver, séculos XVI a XIX. São Paulo: Annablume; PPGH/UFMG, 2002. GONÇALVES, op. cit. REIS, Flávia M. da Mata. **Entre faisqueiras, catas e galerias**: explorações do ouro, leis e cotidiano nas minas do século XVIII (1702-1762). 2007. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

35 FURTADO, Junia Ferreira. Mulheres escravas e forras na mineração no Brasil, século XVIII. **Revista Latinoamericana de Trabajo y Trabajadores**, La Paz, 1, p. 1-49, 2020.

presença africana nas minas, por meio de técnicas trazidas da África ou aprendidas e (re) inventadas no contexto diaspórico.

Em alguns textos, pode-se acompanhar trajetórias mais ou menos fragmentadas de mulheres e crianças e/ou mensurar sua presença nos dados demográficos. Já não há dúvidas de que o trabalho nas minas —e nas atividades que subsidiaram a mineração— era exercido por homens, mulheres e crianças. As mulheres foram também proprietárias de minas e envolveram-se no refino e comércio de metais. De modo que, as críticas à história da mineração como uma narrativa da masculinidade têm sido ouvidas e incorporadas aos novos estudos.³⁶

36 BARRAGÁN, Rossana; PAPASTEFANAKI, Leda. Women and gender in the mines: challenging masculinity through history: an introduction. **International Review of Social History**, Amsterdã, 65, 2, p. 191-230, 2020.